

TÉRMINO, LÉXICO E QUANTIFICAÇÃO

Terminus, Lexicon and Quantification

Teresa Cristina Wachowicz*

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do fenômeno conhecido como “paradoxo do perfectivo” no PB, segundo o qual algumas sentenças perfectivas e télicas podem ter a interpretação de término anulada: ‘João comeu uma maçã, mas não terminou de comer (ela)’; ‘João desenhou um quadro, mas não chegou a terminar (ele)’.

Com a análise voltada exclusivamente a traços semânticos da estrutura argumental, nossa hipótese é que o fenômeno deve ser visto sob um duplo viés: de um lado, o aspecto lexical do verbo exerce suas restrições, exigindo que o verbo seja de um conjunto específico de subclasses dos *ac-complishments* (TENNY, 1994); e de outro lado, a representação semântica do complexo NP em posição de objeto direto também impõe restrições, pois sua denotação deve ser limitada ou quantizada, mas ao mesmo tempo deve prever partes constitutivas do indivíduo (KRIFKA, 1992).

1. O PROBLEMA

Há uma certa tradição na literatura sobre aspecto de acordo com a qual o valor terminativo é calculado a partir de traços específicos do verbo

* UFPR.

e de seus argumentos. Verkuyl (1972) (*apud* VERKUYL, 1989, 1993, 1999) já apontava para uma regra de terminatividade, ou o “Princípio do Mais”, segundo o qual o valor terminativo é obtido a partir de valores exclusivamente positivos dos componentes da estrutura argumental: +ADDTO (progressão no tempo) para o verbo, e +SQA (quantidade específica) para os NPs sujeito e objeto. Assim, a sentença (1) seria terminativa, mas a sentença (2) não o seria, pois há o NP –SQA (‘sanduíches’); da mesma forma, a sentença (3) não seria terminativa, pois o verbo ‘ter’ é -ADDTO:

(1) João	comeu	um sanduíche.	
+SQA	+ADDTO	+SQA	= terminativo
(2) João	comeu	sanduíches.	
+SQA	+ADDTO	–SQA	= durativo
(3) João	teve	uma casa na praia.	
+SQA	–ADDTO	+SQA	= durativo

Neste trabalho, seguiremos a posição de Tenny (1994) ao defender que o argumento externo não tem papel algum na interpretação aspectual. Assim, em (1), o que estaria marcando a terminatividade da sentença é o verbo ‘comer’ (+ADDTO) e o NP complemento ‘um sanduíche’ (+SQA).

Outro ponto requer um esclarecimento, sobretudo com relação à conhecida confusão terminológica a que a área se submete. Estamos assumindo aqui que “terminatividade” é uma propriedade inerente ao VP, e que a flexão do passado perfeito (-*eu*, em (1) e (2), por exemplo) opera sobre ele sobrepondo a leitura de completude do evento. Logo, a noção de terminatividade é diferente da de completude (SMITH, 1991; SOH; KUO, 2005), e ambas estariam associadas aos conceitos de telicidade e perfectividade, respectivamente. Mais um paralelo: terminatividade ou telicidade são conhecidos como aspecto lexical, enquanto a completude ou perfectividade como aspecto gramatical (SMITH, 1991; VERKUYL, 1993). No PB, esses valores estão associados à semântica do verbo (ou à semântica do VP, no caso dos *accomplishments*) e à flexão verbal (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2007). Há uma certa associação ou convergência entre a semântica e a flexão do verbo (BERTINETTO, 2001; GEORGI; PIANESI, 2001), mas não exclusivamente dependência: é mais usual encontrarmos verbos télicos com flexão perfectiva (‘caiu’) e verbos atélicos com flexão imperfectiva (‘era’) do que verbos atélicos com flexão perfectiva, por exemplo (‘soubes’). Voltando à leitura do término de (1), o Princípio do Mais pode ser derrubado por estratégias linguísticas que neutralizam o término do evento, como a presença, por exemplo, de uma sentença adversativa. A estrutura da sentença (4) abaixo é ilustrada em trabalhos de várias línguas

(SMOLLETT, 2005, para o inglês; SOH; KUO, 2005, para o chinês; SINGH, 1998, para o hindu e japonês) como o ‘paradoxo do perfectivo’:

(4) João comeu um sanduíche, mas não terminou de comer ele.

Intuitivamente, o evento parece significar um processo que se desenrola no tempo (comer) paralelamente à consumação do objeto (um sanduíche), pressupondo-se um ponto final, télico, ou um término. Em outras sentenças tidas como perfectivas, porém atélicas ((5) e (6)) ou instantâneas ((7)), em que essa leitura não ocorre, o paradoxo não acontece:

(5) ? João tinha um cachorro, mas não terminou de ter ele.

(6) ? João dirigiu um carro, mas não terminou de dirigir ele.

(7) ? João encontrou o livro, mas não terminou de encontrar ele.

Na tradição vendleriana (VENDLER, 1967; DOWTY, 1979), alguém poderia sugerir que a classe aspectual que licencia o paradoxo seria a dos *accomplishments*, pois o processo anterior a um resultado, que define o esquema temporal da classe, licencia uma quebra, mesmo na pressuposição do término e da existência do objeto. Isso justificaria a não ocorrência do paradoxo nas sentenças estativas (5), atividade (6) e *achievements* (7). No entanto, se formos resgatar o trabalho de Dowty (1979), nem todas as subespecificações dos *accomplishments* permitem o paradoxo¹:

Alguns locativos:

(8) ? João encaixotou o livro, mas não terminou de encaixotar ele.

Alguns de mudança de estado:

(9) ? João torturou o gato, mas não terminou de torturar ele.

Outros:

(10) ? Os americanos elegeram George Bush, mas não terminaram de elegê-lo.

(11) ? A mãe acalmou o bebê, mas não terminou de acalmar ele.

(12) ? Paulo assou dois bolos, mas não terminou de assar eles.

De outra parte, alguns NPs complemento cardinalizados acompanhados de verbos de trajetória também impõem restrições ao paradoxo:

¹ Seguimos aqui a própria listagem de categorias de *accomplishments* apontada por Dowty (1979, p. 69) em que se incluem verbos do tipo locativos, verbos de criação, de mudança de estado, dentre outros.

(13) ? João andou dois quilômetros, mas não terminou de andar eles.

(14) ? João nadou 600m, mas não chegou a acabar eles.

A pergunta é: O que propicia a atuação do paradoxo? Noutros termos, que tipo de semântica está por trás de uma sentença terminativa, com o ponto télico determinado estruturalmente, que pode ter seu término anulado?

A hipótese deste trabalho é que o fenômeno necessita ser visto composicionalmente: no mínimo na interação entre verbo e NP complemento. Inicialmente, a classe aspectual do léxico verbal requer especificações. Não é qualquer *accomplishment* que vale. Se ainda investigarmos uma subclasse dos *accomplishments* e *achievements*, como os verbos que requerem o objeto direto como “medidor” da extensão dos eventos, o que Tenny (1994) chamou de “*measuring out complements*”, mesmo assim encontraremos restrições. De outro lado, o complexo NP em posição de complemento requer uma semântica que capte as partes constitutivas de um indivíduo quantizado, propriedade temática que Krifka chamou de “*mapping to objects*”, que, em conjunto a outras propriedades, define a “gradualidade” do VP.

2. ALGUNS TRATAMENTOS TEÓRICOS EM OUTRAS LÍNGUAS

Já há alguns anos, a literatura em aspecto ou as teorias de eventos vêm tratando da questão. O interessante é que os trabalhos focalizam línguas variadas, de diferentes troncos linguísticos, e empregam aportes teóricos igualmente diversos.

Smollett (2005), por exemplo, trata do inglês. Através de menção a testes em diversos informantes, a autora desqualifica o objeto direto como sendo o responsável pela leitura de término do evento. Em diálogo direto com Tenny (1994), ela resgata a classificação de verbos que têm o objeto direto como “medidor” do evento: os verbos de tema incremental – os de consumação (15) e os de criação (16); os verbos de mudança de estado (17); e os verbos de trajetória (18), incluindo os de performances (19)². A partir daí, a autora defende que o que o objeto direto faz, na verdade, é dar a extensão da medida de evento, enquanto que o término é dado por outros componentes da sentença, como os advérbios e as partículas verbais. As sentenças (20) e

² Há um leque considerável de trabalhos que tratam da natureza “gradual” de determinados verbos *accomplishments*, como Dowty (1991), Levin e Rappaport (2006), Rothstein (2004) etc.

(21), nesse sentido, seriam terminativas, enquanto (15)-(19) também, mas poderiam ter o término anulado:

- (15) Kathleen ate an apple (OK, but she didn't finish it).
 (16) John built a house (OK, but he didn't finish it).
 (17) Carol ripened the tomato (OK, but she didn't finish it).
 (18) Sue walked the Appalachian Trail (OK, but she didn't finish it).
 (19) Carolyn played the tune (OK, but she didn't finish it).
 (20) Kathleen ate an apple to its end (?, but she didn't finish it).
 (21) Carolyn played the tune in an hour (?, but she didn't finish it).

O chinês, segundo Soh e Kuo (2005), também é uma língua que apresenta o fenômeno do “paradoxo do perfectivo” para verbos *accomplishments*. Porém, segundo as autoras, essa língua parece aceitar o paradoxo muito mais do que o inglês. Logo, sentenças como (22) seriam possíveis em chinês, mas não em inglês. Por sua vez, (23) não permite o paradoxo mesmo em chinês. O marcador *-le*, do chinês, neste caso, dá a perfectividade, mas não indica término em todas as sentenças com verbos *accomplishments*, diferentemente da tese de Smith (1991), que o reduz como marcador de terminação do chinês.

- (22) Wo zuotian xie-le yi-feng xin, keshi mei xie-wan
Eu ontem escrever-LE uma-CL carta, mas não escrever-
acabar

'Eu escrevi uma carta ontem, mas não acabei de escrever ela.'

- (23) ? Ta zao- yi-jian fangzi, keshi mei zao-hao le
 Ele construir- uma-CL casa, mas não construir-
 LE acabar

'Ele construiu a casa, mas não terminou de construí-la.'

A análise das autoras será centrada na denotação do objeto direto, generalizando os verbos na classe heterogênea dos *accomplishments*.

A primeira discussão abordada, exclusivamente lexical, distingue objetos de criação que são contextualmente relevantes e os que são contextualmente irrelevantes. No caso de (22), *'yi-feng xin'* ('uma carta') é APO (allows partial object), e permite o paradoxo, ao passo que em (23), *'yi-jian fangzi'* ('uma casa') é NPO (no partial object), e não licencia o paradoxo. Inevitavelmente, a primeira ressalva que fazemos aqui é que a saída das autoras parece uma tentativa de controlar o léxico nominal com duas cate-

gorias pensadas para resolver um problema localizado – uma saída *ad hoc*, portanto.

A segunda discussão, que associa o léxico à estrutura quantificacional do DP, traz a diferença entre sentenças com objetos com numerais cardinais, que barram o paradoxo, e sentenças com objetos com pronomes demonstrativos, que o permitem. A saída dessa vez é mais interessante: elas se aproveitam da distinção que Chierchia (1998) faz do inglês e do chinês: os nomes singulares no inglês trazem a distinção singular/massivo, ao passo que os nomes singulares no chinês trazem só a leitura massiva. Na estrutura nominal, esses traços são projetados para o DP ou não. Soh e Kuo (2005) utilizam-se aqui dos traços $\pm b$ (bound) $\pm i$ (estrutura interna), de Jackendoff (1991).

Em termos bastante gerais, +bound é o traço do nome que tem limites denotacionais, simplificadaamente, os nomes quantizados, para Krifka (1992), e +i é o traço do nome que denota somas (os nomes com a propriedade cumulativa). Assim, ‘o cavalo’ é (+b, -i), mas ‘os cavalos’ é (+b, +i); de outro lado, ‘cavalos’ é (-b, +i), e ‘água’ é (-b, -i).

Para o fenômeno dos cardinais e demonstrativos e sua relação com o paradoxo no chinês, nomes singulares são massivos para o chinês (-b e $\pm i$) e contáveis para o inglês (+b, -i). No chinês, o numeral, na sintaxe do DP, resulta em +bound (24), bloqueando o paradoxo, enquanto o demonstrativo deixa-o ambíguo (25), o que permite o paradoxo, pois não denota necessariamente um término.

- (24) ?Ta hua-le liang-fu hua, keshi mei hua-wan.
 Ele desenhar- dois-CL quadro, mas não desenhar-
 LE acabar

‘Ele desenhou dois quadros, mas não acabou eles.’

- (25) Ta hua-le na-fu hua, keshi mei hua-wan.
 Ele desenhar- aquele-CL qua- mas não desenhar-acabar
 LE dro,

‘Ele desenhou aquele quadro, mas não acabou de desenhar ele.’

O problema da saída lexical de Soh e Kuo (2005), centrada na denotação nominal, é que não focaliza a relação do nome com o verbo. Há de fato a intuição de que o paradoxo exerce uma quebra da relação física entre o desenrolar do evento e a extensão física do objeto. É como se o ponto final natural da sentença estivesse pressuposto e a quebra do processo pudesse mesmo assim ocorrer.

Essa intuição, acreditamos, é contemplada pela noção de “gradualidade”, de Krifka (1992, 1998) resgatada por Singh (1998). A autora faz uma análise da perfectividade (nos nossos termos, “terminatividade”) no hindu (26), com exemplos pipocados do japonês (27). Ambas as línguas licenciam o paradoxo:

- (26) mãe ne aaj apnaa kek kahaayaa aur baakii kal khaauugaa
 Eu ERG hoje minha torta comer- e ficar amanhã comer-FUT
 -PERF
 ‘Eu comi minha torta hoje e vou comer o resto amanhã’.

- (27) Watashi-wa keeki-o tabeta dakedo keeki-wa mada nokotteiru
 Eu-NOM torta-ACC comer-PERF mas torta-NOM ainda ficou
 ‘Eu comi a torta mas alguma coisa dela sobrou’.

A leitura de término nessas duas línguas depende de um verbo composto, do tipo ‘acabei de V...’, que, seguindo Smith (1991), provocam o ponto final dos *accomplishments* e a mudança de estado dos *achievements*. Um exemplo de sentença terminativa no hindu com verbo composto indicador do término está ilustrada em (28), que contém o verbo composto ‘*khaa liyaa*’, suficiente para bloquear a leitura do paradoxo:

- (28) *mãẽ ne kek khaa Liyaa jo bacaa is that raam khaayegaa
 Eu ERG torta comer pegar- que ficar é que Ram comer-FUT
 -PERF
 ‘Eu acabei de comer a torta cujo resto Ram vai comer’.

Na perspectiva teórica da álgebra de reticulados, a autora resgata a relação denotacional semelhante entre nomes e verbos (CARLSON, 1981; BACH, 1986; KRIFKA, 1992, 1998), nos seguintes termos: a denotação nominal cumulativa está para o predicado verbal imperfectivo assim como a denotação nominal quantizada está para o predicado verbal perfectivo. O objetivo dela, a partir daí, é construir categorias de predicados perfectivos. Três propriedades dos predicados verbais, trazidos de Krifka (1992), vão sustentar essa classificação: gradualidade (28), afetação (32) e existência independente (34). A combinação dessas três propriedades resulta em quatro categorias de predicados perfectivos: os instantâneos, os de modificação gradual, os de criação gradual e os de não modificação.

$$(28) \forall R [GRAD(R) \leftrightarrow UNI-O(R) \wedge MAP-O(R) \wedge MAP-E(R)]$$

Em prosa: Um predicado R é gradual se e somente se ele tiver a propriedade de unicidade de objeto (UNI-O), mapeamento de objeto (MAP-O) e mapeamento de evento (MAP-E). Um objeto é único quando for um NP quantizado atômico (a torta) ou plural (as tortas), o que Singh (1998) chamou de “*unique aggregate object*” (29). A propriedade de mapeamento de objeto diz que cada subevento de R se aplica a um fragmento do objeto (30); e a propriedade de mapeamento de evento diz que cada parte do objeto participa de um subevento de R (31).

$$(29) \forall R [\text{UNI-O}(R) \leftrightarrow \forall e, x, x' [R(e, x) \wedge R(e, x') \rightarrow x = x']]$$

$$(30) \forall R [\text{MAP-O}(R) \leftrightarrow \forall e, e', x [R(e, x) \wedge e' \subseteq e \rightarrow \exists x' [x' \subseteq x \wedge R(e', x')]]]$$

$$(31) \forall R [\text{MAP-E}(R) \leftrightarrow \forall e, x, x' [R(e, x) \wedge x' \subseteq x \rightarrow \exists e' [e' \subseteq e \wedge R(e', x')]]]$$

$$(32) \forall R [\text{AFF-O}(R) \leftrightarrow \text{UNI-E}(R) \wedge \text{MAP-E}(R)]$$

Em prosa: um predicado R afeta o objeto se e somente se ele tiver a propriedade de unicidade de evento e a propriedade de mapeamento de evento. Um evento é único quando o objeto está relacionado a um evento singular (33):

$$(33) \forall R [\text{UNI-E}(R) \leftrightarrow \exists e, e', x [R(e, x) \wedge R(e', x) \rightarrow e = e']]$$

$$(34) \forall R [\text{IEO}(R) \leftrightarrow \exists e, x [R(e, x) \rightarrow \neg \text{CREATE}(e, x)]]$$

Em prosa: um objeto x tem existência independente num evento e se e somente se ele não for objeto de criação em e.

Todo esse aparato é importante para a categorização da perfectividade nas línguas analisadas pela autora. Uma sentença como (26) acima teria os três traços – gradualidade, afetação e existência independente – e sua perfectividade seria classificada como de modificação gradual.

Mas a propriedade central para a realização do paradoxo é a gradualidade, pois é ela que explica a relação entre o evento – e seus subeventos – e o objeto – e suas partes constitutivas. Em outros termos, os subeventos estão associados a partes constitutivas do objeto. É exatamente essa a intuição que se extraiu das leituras das sentenças do PB, na seção 1 deste trabalho. Retornaremos a elas.

3. A ANÁLISE NO PB

Como vimos na seção 1, nem todos os verbos *accomplishments* licenciam o paradoxo. Há também alguns complementos verbais que o blo-

queiam. Isso nos demanda algum tratamento teórico que apresente alguma subclassificação dos *accomplishments*, bem como alguma possibilidade de tratar indivíduos e suas partes constitutivas.

De acordo com esses objetivos, o trabalho de Tenny (1994), que também relaciona verbo e objeto, na medida em que uma de suas hipóteses é que o objeto direto dá a medida do evento, nos orientou diretamente nas análises.

A autora trata de subclassificar eventos télicos (*accomplishments* e *achievements*) para provar que o aspecto é a categoria semântica que realiza a interface sintaxe-semântica. Ou seja, seu objetivo central é instituir alguns fenômenos aspectuais na interface entre léxico e sintaxe. Para seus propósitos, vale um subconjunto de propriedades aspectuais universais – medida do evento, sua delimitação e término – que alguns verbos trazem. A saber: verbos transitivos *accomplishments* e *achievements*, cuja distinção ela não vai desenvolver. Para nós, essa distinção será interessante no momento de analisar verbos de mudança de estado com relação ao fenômeno do paradoxo do perfectivo.

O argumento interno direto é formalizado na Restrição de Medida do Argumento Interno Direto (MOC). Ele, e só ele, e um só, dá a medida do evento, para três tipos de verbos: de tema incremental (35), de mudança de estado (36) – em que se incluem os *achievements* (37) –, e de trajetória (38) – em que se incluem os de performance (39). Detalhe: a propriedade semântica da medida do evento é dada pelo objeto, e a da delimitação é dada pelo VP inteiro, e não só pelo verbo.

- (35) a. John built a house.
b. Mary ate an apple.
- (36) a. She ripened the fruit.
b. William opened the door.
- (37) a. The baseball cracked the glass.
b. The terrorist exploded the bomb.
- (38) a. Sue walked the river.
b. Bill climbed the ladder.
- (39) a. He played a sonata.
b. Mark read the paper.

Quanto ao argumento interno indireto, seu papel é bem mais restrito (segundo a autora, por “princípios universais”): ele provê um e somente um término temporal do evento, o que causa a delimitação, mas não a sua

medida (TENNY, 1994, p. 68). Isso acarreta que o evento tem uma trajetória (*path*). Tenny se utiliza aqui dos testes com os adjuntos temporais ‘in/for X time’ (‘em/por X tempo’), de Vendler (1967), para a distinção de telicidade e atelicidade (40)³. Quanto ao argumento externo, ele não tem nenhuma participação na atribuição aspectual⁴.

- (40) a. John walked the trail for an hour/ in an hour.
b. John walked the trail to its end *for an hour/ in an hour.

Com relação ao PB, essa classificação pode nos ajudar a pensar nos dados. Em verbos de tema incremental (41), a análise funciona como o previsto, pois o paradoxo opera sem restrições. O objeto direto dá a medida do evento, o VP no passado perfeito dá conta de definir sua delimitude (o que chamamos na seção 1 de “completude”), mas não garante necessariamente o término. Nos termos de Krifka (1992), todos os VPs com tema incremental têm a propriedade da gradualidade, que mapeia partes do evento a partes do indivíduo e vice-versa, conforme formalizado acima ((28)-(31)):

- (41) a. João comeu um sanduíche, mas não terminou de comer ele.
b. João construiu uma casa, mas não terminou de construir ela.
c. João tomou uma cerveja, mas deixou o finalzinho dela pro santo.

Para explicitar o término das sentenças, há a necessidade de uma expressão preposicionada, que de forma genérica Tenny (1994) chamou de objeto indireto:

- (42) a. ?João comeu um sanduíche até o fim, mas não terminou de comer ele.
b. ?João construiu uma casa até acabar, mas não terminou de construir ela.
c. ?João tomou uma cerveja até o fim, mas deixou o finalzinho dela pro santo.

³ Apesar de serem testes amplamente utilizados na literatura para checar (a)telicidade (DOWTY, 1979; COMRIE, 1976; de SWART, 1998; VERKUYL, 1993, etc.), optamos por não empregá-los aqui. Concordamos com Van Hout *et al.* (2005) no seguinte sentido: “The for/in test works out in different ways in different languages [...] The basic idea about it is that for-adverbials quantify in some way – probably some sort of universal quantification is involved – whereas in-adverbials either contribute some sort of existential quantification or simply locate the eventuality” (VAN HOUT *et al.*, 2005, p. 6-7).

⁴ A tese da assimetria entre argumento interno e argumento externo já vem sendo discutida há algum tempo (cf. KRATZER, 2000). Quanto à ausência de papel do argumento externo na leitura aspectual, ver Verkuyl (1993, 1999).

Vale dizer que, em PB, não só algumas expressões preposicionadas indicam o término da sentença, mas também verbos aspectualizadores (como os verbos compostos do hindu e do japonês – (SINGH, 1998) (43a), quantificadores de completude do indivíduo (GOMES, 2006) (43b) ou advérbios de completude (PIÑON, 2005) (43c):

- (43) a. ?João acabou de comer um sanduíche, mas não terminou de comer ele.
 b. ?João construiu toda a casa, mas não terminou de construir ela.
 c. ?João tomou uma cerveja inteiramente, mas deixou o finalzinho dela pro santo.

Quanto aos verbos de mudança de estado, a operação do paradoxo não fica tão tranquila. Há, no trabalho de Tenny, um leque bastante variado dessa categoria. Um primeiro tipo contempla também o tema incremental. Ou seja, em (44), vemos verbos de mudança de estado que são ao mesmo tempo de tema incremental, pois o desenrolar do evento é gradual: prevê a relação entre subeventos e partes físicas do indivíduo. Considere-se aqui que ‘a porta’, de (44c), significa lexicalmente a madeira e o vão por onde passam as pessoas, algo que uma representação *qualia* do léxico pudesse dar conta (Pustejovsky, 1996):

- (44) a. João limpou a mesa, mas não terminou de limpar ela.
 b. João descascou a laranja, mas deixou o finalzinho dela pra depois.
 c. João abriu a porta, mas deixou uma frestinha.
 d. João encheu o tanque, mas não chegou até a borda dele.

Há, no entanto, verbos de mudança de estado que são tipicamente *achievements*, e não *accomplishments* como apontado por Dowty (1979) e exposto na seção 1 deste trabalho. A instantaneidade dos *achievements* contrapõe-se à gradualidade, mas ambas podem definir perfectividade (SINGH, 1998). Isso impõe restrição ao paradoxo:

- (45) a. ? João estourou um rojão, mas não terminou de estourar ele.
 b. ? João matou o gato, mas não terminou de matar ele.

Há, também, verbos de mudança de estado que exibem alternância causativa. Na versão causativa (46a, 47a, 48a), o paradoxo opera, mas na versão inergativa (46b, 47b, 48b) eles não indicam necessariamente

um ponto final natural da sentença. Alguns autores os chamam de *degree achievements* (DOWTY, 1979):

- (46) a. João esfriou a sopa, mas não terminou de esfriá-la.
b. ? A sopa esfriou, mas não terminou de esfriar.
- (47) a. João alargou a camiseta, mas não chegou a alargar toda ela.
b. ? A camiseta alargou, mas não terminou de alargar.
- (48) a. João aumentou a trilha pro sítio, mas não terminou de aumentar ela.
b. A trilha pro sítio aumentou, mas não chegou ao fim.

Por fim, até onde o tempo de análise sobre os dados neste trabalho nos permitiu chegar, há um tipo específico de *accomplishments* de mudança de estado, os denominais derivados de nomes concretos, que exibem um comportamento interessante. Com indivíduos singulares, a construção que leva ao paradoxo fica esquisita, mas com indivíduos plurais, ela não parece impor restrições.

- (49) a. João encaixotou ? o livro/ os livros, mas não terminou de encaixotar ?ele/eles.
b. O veterinário enjaulou ? o filhote/ os filhotes, mas não acabou de enjaular ? ele/eles.
c. O policial enquadrrou ? o ladrão/ os ladrões, mas não terminou de enquadrá ?-lo/-los.

Esses denominais significam “pôr dentro de” e parecem comportar um ponto télico interno à morfologia verbal que bloqueia a quebra em combinação com indivíduos singulares, mas não com plurais.

Aqui entram os primeiros exemplos em que a semântica nominal do complemento verbal tem papel restritor no comportamento do paradoxo. Nos exemplos acima, tanto o singular definido quanto o plural definido são NPs delimitados discursivamente pelo determinante. No entanto, o singular não comporta a propriedade cumulativa, em que parte de um livro não continua sendo livro, mas o plural pressupõe essa propriedade, pois partes de livros são igualmente livros. A distinção entre quantizado e cumulativo de Krifka (1992), bem como a propriedade da gradualidade, aqui não dariam conta dos dados, mas talvez a subespecificação do léxico e a formação dos traços do complexo DP, nos termos de Jackendoff (1991), nos dariam pistas: o singular e o plural definido seriam +b (+ bound), mas o singular é (+b, -i) (-estrutura interna) e o plural é (+b, +i) (+estrutura interna).

Num raciocínio semelhante, a sentença em (50), também retomada da seção 1, tem verbo de mudança de estado, mas que não atua na extensão física do objeto. Ou seja, George Bush muda de estado, mas não fisicamente:

- (50) ? Os americanos elegeram George Bush, mas não terminaram de elegê-lo.

A propriedade da gradualidade recorta subpartes do indivíduo concreto e as associa a subeventos, mas não contempla propriedades abstratas, ou intensionais, como a propriedade de ser eleito. De fato, a teoria de Krifka (1992) é uma teoria de relações temáticas para predicados concretos e não abstratos.

O último tipo de verbo exposto por Tenny (1994), que norteou a exposição dos casos nesta seção, é o verbo de trajetória. Casos em que o trajeto percorrido faz sintaticamente o papel do argumento interno licenciam o paradoxo:

- (51) a. João percorreu a orla de Caiobá, mas não terminou ela.
b. João escalou o pico do Marumbi, mas não terminou de escalar ele.

Casos que Tenny nomeou como verbos de performance também não trazem restrições:

- (52) a. João cantou a música do Skank no bar, mas não terminou de cantar ela.
b. João leu o livro emprestado, mas não conseguiu terminar ele.

Mas há casos específicos de verbos de movimento com complementos cardinalizados que bloqueiam o paradoxo:

- (53) a. ? João andou dois quilômetros, mas não terminou de andar eles.
b. ? João nadou 600m, mas não conseguiu acabar com eles.

Nos exemplos acima, apesar de a posição sintática ser de argumento interno e apesar de a anáfora ‘eles’ conseguir recuperar esse NP, a composição semântica dos sintagmas ‘dois quilômetros’ e ‘600m’ não parecem compor um indivíduo concreto referido no mundo, passível de ser aplicado à propriedade da gradualidade: “This NP is not a real object direct, as can be seen from absence of passive: **A mile was walked by John*” (DOWTY, 1979, p. 69). Há uma restrição semântica aqui que requer indivíduos concretos cujas

partes possam corresponder aos subeventos do predicado, nomeadamente a propriedade da gradualidade.

4. CONCLUSÃO

Pelo que se analisou neste trabalho, o paradoxo do perfectivo, ao menos em PB, apresenta restrições que ora se condicionam ao léxico do verbo, ora à semântica do NP complemento. Considerar que o verbo típico desse fenômeno é o da classe aspectual dos *accomplishments* (SOH; KUO, 2005) parece generalizante demais. Vemos *accomplishments* subclassificados em verbos de tema incremental, que não apresentam problema, pois via de regra são verbos que contemplam a propriedade de gradualidade, mas alguns verbos de mudança de estado, sobretudo os denominais, requerem uma análise lexical mais detalhada. Igualmente, considerar que qualquer tipo de NP complemento, desde que quantizado (SMOLLET, 2005), participa do paradoxo, também parece redutor, pois a requisição é que haja um indivíduo concreto, cujas partes – de indivíduo singular ou de plural – possam ser relacionadas aos subeventos do predicado. A propriedade temática da gradualidade, sobre a relação entre o verbo e o complemento direto, de Krifka (1992, 1998), foi a proposta teórica que mais diretamente contemplou o conjunto de restrições aqui apontadas nos dados do PB.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar um tratamento para o paradoxo do perfectivo no PB, que ocorre em sentenças em que o término pode ser anulado: 'João comeu uma maçã, mas não conseguiu chegar até o fim'. Defendemos a hipótese de que o paradoxo ocorre em sentenças com tipos específicos de verbos *accomplishments* e com argumentos internos com constituição interna. A propriedade temática da gradualidade (KRIFKA, 1992), entre evento e objeto, explica o fenômeno.

Palavras-chave: *paradoxo do perfectivo; gradualidade; tipos de accomplishments.*

ABSTRACT

This paper aim is to present an approach for the perfective paradox in PB, in which the terminus may be anulated: 'João comeu

uma maçã, mas não conseguiu chegar até o fim' (John ate an apple, but didn't finished it). We defend that this is possible in some specific accomplishment verbs followed by internal arguments with internal constitution. The thematic property of graduality (KRIFKA, 1992) explains this phenomenon.

Keywords: *perfective paradox; graduality; kinds of accomplishments.*

REFERÊNCIAS

- BACH, E. The algebra of events. *Linguistics and Philosophy*, n. 9, p. 5-16, 1986.
- BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the 'perfective-telic' confusion. In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GAUSTI, M.T. (Eds.). *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI, 2001. p. 177-210.
- CARLSON, L. Aspect and quantification. In: TEDESCHI, P.; ZAENEN, A. (Eds.). *Syntax and Semantics*, New York: Academic Press, v. 14, p. 31-64, 1981.
- CHIERCHIA, Gennaro. Plurality of mass nouns and the notion of semantic parameter. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.). *Events and grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998. p. 53-103.
- COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- De SWART, H. Aspect shift and coercion. *Natural language and linguistic theory*, v. 16, n. 2, p. 347-385, 1998.
- DOWTY, D. *Word meaning and montague grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.
- _____. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.
- GEORGI, A.; PIANESI, F. Ways of terminating. In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GAUSTI, M. T. (Eds.). *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI, 2001. p. 211-277.
- GOMES, A. P. "Todo", "cada" e "qualquer": exigências sobre a denotação nominal e verbal. 296 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- JACKENDOFF, R. Parts and Boundaries. *Cognition*, v. 3, n. 67, p. 9-45, 1991. Reprinted in: LEVIN, B.; PINKER, S. (Eds.). *Lexical and Conceptual Semantics*. Cambridge: Blackwell, 1992. p. 9-45.
- KRATZER, A. Verb meaning. *The event argument*, 2000. Mimeo.
- KRIFKA, M. Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In: SAG, I. A.; SZABOLCSI, A. (Eds.). *Lexical matters*. Stanford: CSLI lecture notes, n. 24, 1992. p. 29-53.
- _____. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.). *Events and grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998.
- LEVIN, B.; HOVAV, M. R. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- PIÑÓN, C. Adverbs of completion in an event semantics. In: VERKUYL, H.; DE SWART, H.; VAN HOUT, A. (Eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 149-166.
- PUSTJEVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge: The MIT Press, 1996.

ROTHSTEIN, S. *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SINGH, M. On the semantics of the perfective aspect. *Natural Language Semantics*, v. 6, n. 2, p. 171-199, 1998.

SMITH, C. S. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991. p. 1-95.

SMOLLETT, R. Quantized direct object don't delimit after all. In: VERKUYL, H.; de SWART, H.; VAN HOUT, A. (Eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 41-59.

SOH, H. L.; KUO, J. Yi-Chun. Perfective aspect and accomplishment situations in Mandarin Chinese. In: VERKUYL, H.; de SWART, H.; VAN HOUT, A. (Eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 199-216.

TENNY, C. *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1994.

VAN HOUT, A.; VERKUYL, H.; DE SWART, H. Introducing perspectives on aspect. In: VERKUYL, H.; SWART de, H.; VAN HOUT, A. (Eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 1-15.

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, H. J. Aspectual classes and aspectual composition. *Linguistics and Philosophy*, n. 12, p. 39-94, 1989.

_____. *A theory of aspectuality: the interpretation between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Aspectual issues: studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, v. 48, n. 2, p. 211-231, 2007.

Submetido em 25/04/2010

Aceito em 12/08/2010